

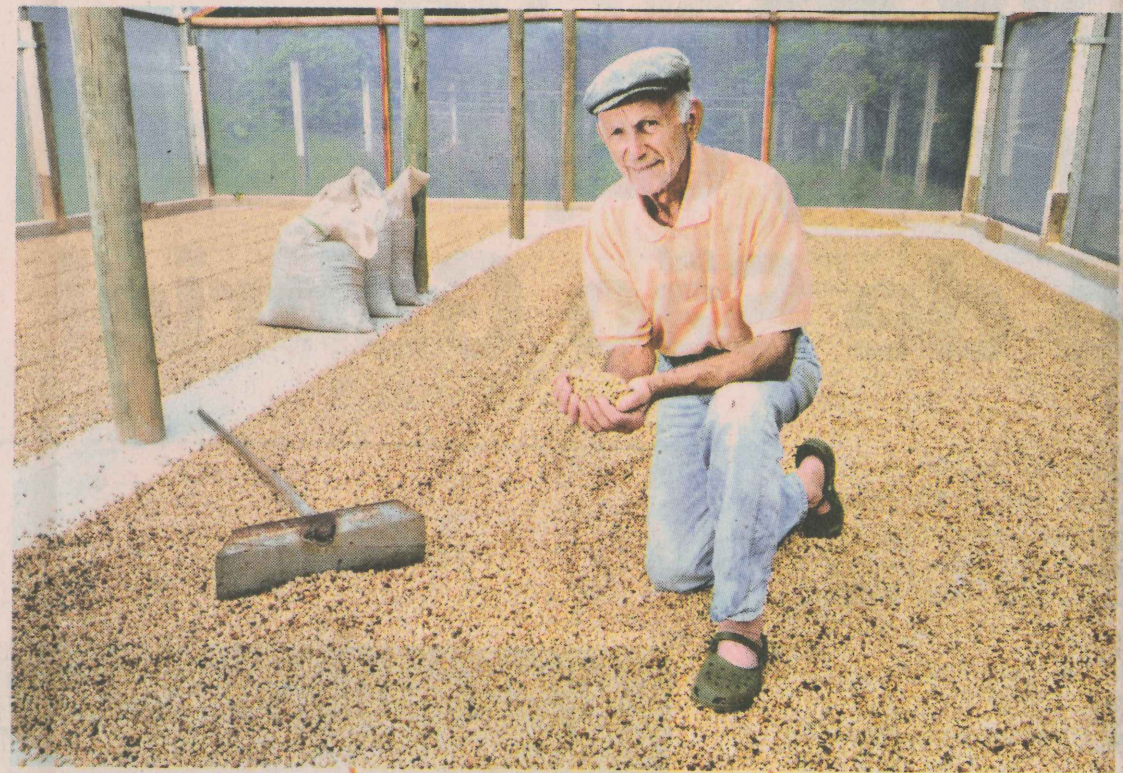
Um Estado, muitas faces



Uma liberdade conquistada

Maria Barreto dos Anjos, a dona Filhinha, de 76 anos, é uma das muitas descendentes do escravo Benvindo da Conceição. Há quase cem anos, após conquistar a liberdade, ele plantou seus pés nas terras que deram origem ao Quilombo do Retiro, em Santa Leopoldina, na Região Serrana. Lá, seus muitos herdeiros deram continuidade ao sonho de construir uma vida livre, sendo donos da própria terra. Algo inaceitável para muitos vizinhos, que queimavam suas plantações, suas casas e até matavam membros da comunidade. Dificuldades que não abalaram seus descendentes, como dona

Filhinha. "Sou raça da terra. De nada tenho medo." Foi lá que essa senhora de muita fibra de tudo aprendeu. "Trabalhei nas lavouras, ajudei a construir casas, cozinhava para a família. Nas horas vagas, fazia esteira", lembra. O artesanato que aprendeu com a mãe, e que ajudava na renda familiar, era a cama que a família conhecia. "A gente dormia no chão, nossas casas eram de estuque pintadas com batinga", conta Filhinha. Foi nas terras quilombolas que criou seus oito filhos, um deles adotivo. Uma família unida que luta para manter as tradições da cultura negra, como o artesanato, a benzeção, o congo e as danças.



A fartura veio com o trabalho

Foi por volta de 1903 que os avós de Benjamin Falcheto, hoje com 83 anos, descobriram as terras férteis de Venda Nova do Imigrante, na Região Serrana. Um alívio para os imigrantes italianos, que peregrinavam por áreas improdutivas desde que chegaram ao Estado. Lá se dedicaram sem descanso à agricultura familiar e conheceram a fartura. Só compravam roupas, ferramentas e querosene. As famílias numerosas - quanto mais gente, mais o serviço rendia - enfrentaram muitas dificuldades. Não havia energia, água encanada, escolas. "Nossos primeiros professores eram pais que ensinavam o pouco que sabiam", conta. As

crianças mais velhas iam para colégios de padres ou freiras. Os que voltaram fundaram cooperativas, escolas de música, grupo teatrais - como o agricultor, que educou seus 15 filhos, com várias profissões. Três deles - dois agrônomos e um engenheiro - trabalham com ele no Sítio Bananeiras, um refúgio encravado nas montanhas. "Apesar de analfabetos, nossos ancestrais tinham muita garra para o trabalho." Uma garra que não se abalou nem durante a 2ª Guerra Mundial, quando foram proibidos de falar o vêneto. E esse, segundo Benjamin, é um dos desafios das futuras gerações: "Lutar para aprender a língua e manter as tradições culturais".

OS RETRATOS DE UM POVO

Hoje, no Dia da Colonização do Solo Espírito-Santense, A GAZETA mostra a

■ Polenta com arroz e feijão, congo, benzeção, remédios naturais, cerveja. No dia a dia de quem vive no Estado não faltam exemplos das heranças da cultura indígena, negra, italiana, alemã e de tantas outras etnias que ajudaram a formar o povo e a construir a história do Espírito Santo ao longo dos últimos 475 anos.

Os números do IBGE – de 2006 – revelam o poder desse caldeirão: mais da metade da população do Estado (50,7%) é composta de pardos. É o resultado de uma miscigenação que um dia chegou a ser condenada, como destaca Nara Saletto, doutora e professora do Mestrado em História da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes). Hoje essa mistura é tida como uma riqueza vinda da diversidade, em que cada um deu sua contribuição para o nosso desenvolvimento cultural e econômico.

ALÉM DOS BRANCOS

É por isso, destaca Saletto, que não se pode dizer que grande parte da população descende apenas dos imigrantes brancos vindos da Europa. Os índios estavam muito antes de eles chegarem, apesar de terem sido esquecidos em longos períodos da história.

Por volta do século XIX, por exemplo, eles nem sequer constavam dos censos oficiais, embora até o século XVII vissem em grandes aldeamentos. As áreas ao norte do Estado eram tidas como vazios demo-

gráficos. Alguns deles, como os temiminós, puris e botocudos acabaram extintos ou vivendo em outras regiões. “Só em 1975 a Fundação Nacional dos Índios (Funai) reconheceu a presença indígena no Espírito Santo”, destaca a historiadora Kalna Mareto Teao, uma das autoras do livro “História dos Índios do Espírito Santo”.

Os que resistiram, como os tupiniquins, ou os guaranis –

que para cá vieram por volta de 1967 –, deixaram como parte de sua herança o hábito de uma alimentação frugal, muito requisitada nos dias de hoje: peixes, carnes, legumes e folhas, feitas com pouco sal. Embora muitos deles já tenham se rendido aos alimentos industrializados e até ao álcool, o que vem preocupando os caciques guaranis, como werá kwaray, da aldeia Boa Esperança, em Aracruz.

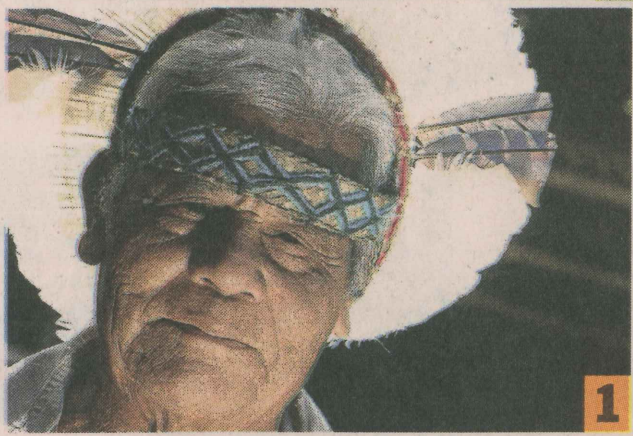
Os indígenas foram os primeiros a atuar nas roças, nos engenhos, no transporte, nas atividades domésticas e no desbravamento das matas. E embora pouco se fale sobre o assunto, também foram escravizados. Situação que se manteve até a chegada dos negros, a partir de 1600.

SABEDORIA MILENAR

Com os escravos vindos da África, como observa Oswaldo Mar-

tins, professor de Ciências Sociais da Ufes, veio a religiosidade e as expressões culturais, como o congo, o ticumbi, a capoeira. Ritmos que influenciaram até a música moderna e ultrapassaram as barreiras do tempo e do espaço. Em 2004, o congo da música “Da da da”, da banda Casaca, despertou o robô Spirit da Nasa, no planeta Marte.

Os negros também trouxeram a sabedoria milenar da explora-



1



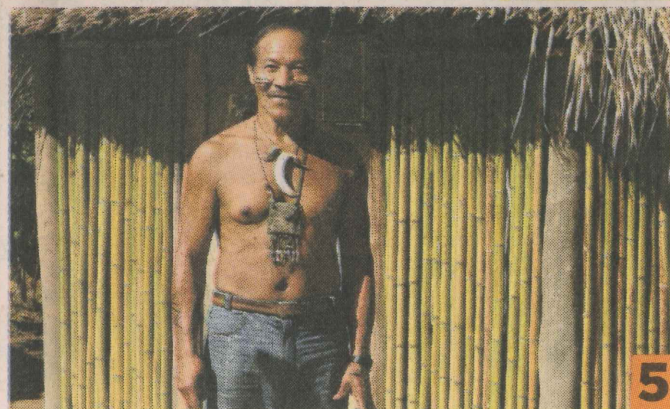
2



3



4



5



Imigração para o Espírito Santo

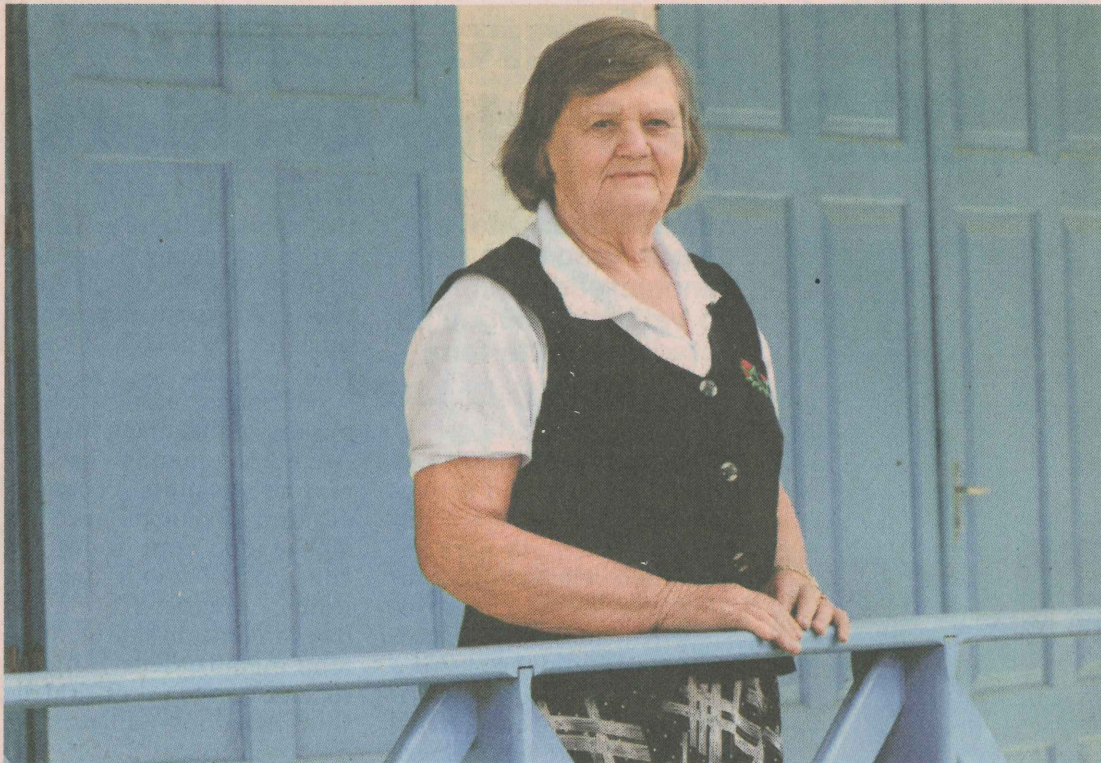
O maior número de imigrantes veio da Itália, seguido da Alemanha (Pomerânia). Mas o Estado também recebeu espanhóis, holandeses, libaneses, entre outras etnias



Antes de 1534 Índios	1535 Chegada de Vasco Coutinho	A partir de 1600 Negros	1812 Açorianos	1846 Pomeranos	1874 Italianos	1929 Poloneses

Fonte: Arquivo Público Estadual, IBGE, Recenseamentos Nacionais / Discriminação e Desigualdades Raciais no Brasil

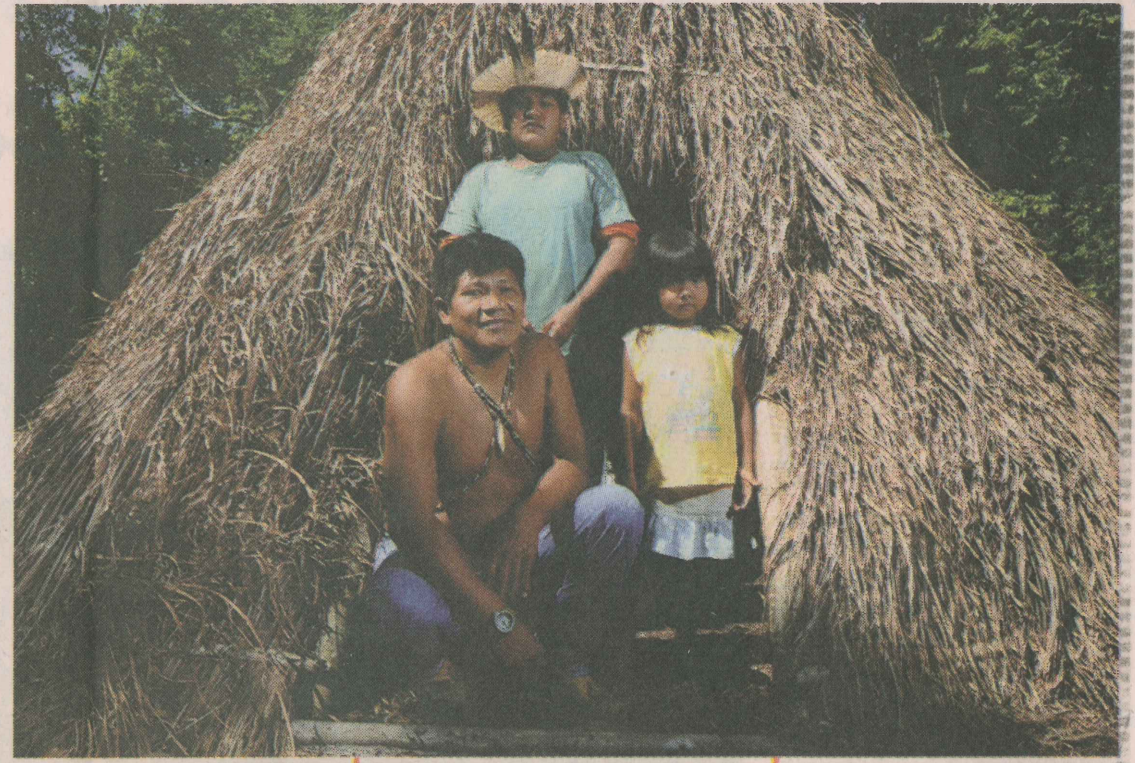
FOTOS: FÁBIO VICENTINI



A luta para garantir a terra

O grande sonho dos avós de Cristina Ropke, de 75 anos, era ser donos da própria terra. Mas conquistar um pedacinho de chão em Santa Leopoldina não foi fácil. As muitas promessas feitas pelos agenciadores de imigrantes da Pomerânia - que ofereciam lotes, animais, casas - não se cumpriram. Foi preciso vencer muitas dívidas, desbravar matas, enfrentar o clima dos trópicos, os animais e as doenças para criar os filhos. "Para ir à escola andávamos por mais de um hora, descalços, atravessando rios, com pouca roupa. Chegávamos molhados e com frio", lembra Cristina. Mas a rotina não acabava aí. Depois do almoço iam para as lavouras

de café, milho, mandioca. "Todos precisam ajudar na roça", conta a aposentada. Do período escolar, lembra com tristeza da 2ª Guerra Mundial, quando foram proibidos de falar o pomerano. "Ficávamos de castigo, ajoelhados em pedra até sangrar. Eu não sabia falar o português", conta. Mesmo depois de casada, as dificuldades ainda eram muitas. "Fazia a colheita com um filho nos braços e outro na barriga". À noite, após o jantar, era o tempo que tinham para confeccionar, à mão, as roupas da família. "Mas o sacrifício valeu. Meus filhos não tiveram que enfrentar a lavoura", comemora a aposentada.



A tradição como herança

O cacique guarani Kará Tataender, mais conhecido como Nelson, de 48 anos, já prepara seu filho Igor para assumir a aldeia Três Palmeiras, em Aracruz, no Norte do Estado. O adolescente alcança a maioria aqui a dois anos, aos 16, como manda a tradição indígena. Vai comandar a luta de um povo que não conhece fronteiras e divisões administrativas entre municípios, Estados, países. Para os guaranis, todas as terras pertencem aos índios, que aqui estavam quando outros chegaram. "Somos os autênticos brasileiros. Por isso lutamos para recuperar as nossas terras". Ao longo dos séculos, lembra Kará,

muitos dos seus antepassados foram dizimados. Perderam as terras, a liberdade, as crenças, a cultura e até a língua, o tupi. Não é à toa, destaca, que os caciques de hoje são mais novos. "Os antigos não falam o tupi." Mas cientes de que os atributos da modernidade podem ajudar em suas lutas e na manutenção das tradições, as filhas de Kará já concluíram cursos de Informática. A próxima a aprender será a pequena Jaqueline, de 5 anos. "Com isso fica mais fácil o contato com outras aldeias guaranis. É importante conhecer suas movimentações", revela o cacique, representante guarani em fóruns nacionais.

QUE TRABALHA E CONFIA

história da população capixaba



7

- 1. SABEDORIA.** Antônio dos Santos, da aldeia Tupinikim Pau-Brasil
- 2. RECORDAÇÕES.** A neta do escravo Benvindo, Joventina Conceição e seu marido, Wlademiro de Brito
- 3. FESTA.** Antônio Brioschi, 80, e as canções italianas
- 4. HERANÇA.** Silvino Falchetto, na casa construída por seus ancestrais, há mais de um século
- 5. TRADIÇÃO.** O pajé Tupã Kwaray cuida da saúde dos guaranis da aldeia Boa Esperança, em Aracruz
- 6. REZA.** Mário Raimundo Pereira, benzedor do quilombo Retiro
- 7. PASSADO.** A pequena Jaqueline na aldeia temática dos guaranis
- 8. CASA POMERANA** Henrique Lahas, 88, vive em sua casa, construída há mais de um século



8

Benvindo da Conceição, do quilombo do Retiro, em Santa Leopoldina. Há anos aguardam a devolução que quase 400 hectares que deles foram tomados.

Para outros descendentes, o momento é de resgate de suas tradições e até mesmo de suas identidades por intermédio das festas, hábitos alimentares, arquitetura, danças, religiosidade e até na educação de seus filhos na língua natal de seus antepassados. Uma conquista que vem atrair até os mais idosos, como o cacique tupinikim Antônio dos Santos. Aos 74 anos, sem ter sido alfabetizado, ele enfrenta a sala de aula para aprender o tupi. "Para mostrar que não sou branco", assinala.

Há ainda os que investem no aprendizado com as pessoas que são os patrimônios vivos de suas comunidades, como o italiano Antônio Brioschi, que aos 80 anos guarda na cabeça as canções aprendidas em criança e que encanta os moradores de Venda Nova do Imigrante.

Mas o maior desafio de todos os descendentes será resgatar suas tradições sem se afastar da diversidade que fez a diferença na colonização do Estado e que lhes deu o sentido de cidadania capixaba.

ção e fundição de metais, e a experiência agrícola que foi absorvida nas fazendas de café do Sul do Estado. Uma contribuição fruto de muito sofrimento e preconceito e que acabou invisível para a história. Foi esquecida até por seus próprios descendentes, incluindo os miscigenados que em 1872 eram mais numerosos do que a população capixaba de brancos. "Davam mais valor à parcela de suas ancestralidades

que não eram negras", observa o professor Oswaldo Martins.

ESPECIALISTA NA TERRA

Já as montanhas do Estado só foram exploradas com a chegada dos imigrantes italianos e pomeranos, especialistas no cuidado com a terra. "Foram os responsáveis pela agricultura familiar bem sucedida que temos hoje," pontua Leandro da Silva, secretário de Cultura de

Santa Maria de Jetibá, ele mesmo um dos símbolos da miscigenação capixaba: é filho de negros com pomeranos.

Mas povoar as regiões altas e o interior não foi fácil. Os imigrantes precisaram abrir estradas, superar o frio, a fome, as perdas e até o preconceito. "Até a nossa língua nos proibiram de falar", conta Silvino Falchetto, com 83 anos. Foi durante a 2ª Guerra Mundial, quando a Itália

apoiou a Alemanha de Hitler que seus descendentes sofreram as consequências, mesmo estando a quilômetros de distância de sua terra natal. Mas não foram os únicos: índios e negros também vivenciaram o mesmo dilema.

Hoje, após quase cinco séculos de colonização, ainda há quem lute por suas terras, como os índios e os quilombolas. Batalha como a que vem sendo travada pelos herdeiros do escravo

.. VEJA NA WEB
Galeria de fotos no www.gazetaonline.com.br/agazeta

.. ASSISTA NA WEB
Vídeo com apresentação de Antônio Brioschi no www.gazetaonline.com.br/agazeta

População de não brancos no Estado

Em %

Resultado da miscigenação e da presença dos negros

